



# ANA CRISTINA REIS

## Queijicismo

• Meus pais liam na sala, cada um em sua poltrona de braços de madeira. Eu fazia os exercícios de moral e cívica na mesa de jantar, no tempo em que o nome das disciplinas escolares começava com letra maiúscula. Tudo ia bem até que empiquei em duas perguntas. "Mãe, a gente tem preconceito?" "Sim, mas bota aí que não". "Pai, a gente tem religião?". "Não, mas escreve que sim".

Segundo essa lógica familiar, é claro que estudei em colégio de freiras. Só que as freiras não usavam hábito e quase não usavam corredores. Elas estavam ocupadas em mestradões e doutorados em teologia, educação e psicologia. Funcionava era menos felizes e bons alunos.

Um dia, minha mãe decidiu que eu precisava ver uma psicóloga. Fiz aqueles testes das manchas — nunca soube o resultado — conversei com uma das freiras-psicólogas e recebi um conselho: queimar todos os papéis que me irritavam. Queimei um: a gravura que ganhara de presente de uma patronite que tinha viajado para a Europa. Era um superpovoado desenho de Dalí. Consegui identificar um relógio molengo e uma cara de cavalo. Por que o desenho me irritava? Porque foi a única coisa que ganhei da patronite e de nada me valeu — a gravura era horrenda e a paixão continuou platônica.

Sai das consultas simpaticizando com freiras-psicólogas. Mas não o suficiente para encantar o catolicismo. Primeiro, porque passo mal em igrejas. Começo a bocejar — não sei se de sono ou se por causa de alguma alergia — os bocejos provocam lágrimas, as pessoas me olham de esguelha, ajoelho-me para me distrair e a madeira incomoda o joelho. Depois, a recente intimidação de entre padres e fiéis me surpreende: onde já se viu botar a hósta na mão do penitente? Por último, os sermões, que quando não são chatíssimos têm erros de concordância que me enervam. Uma vez ouvi uma missa em latim, como deviam ser todas: não se entende nada e é lindo.

Nunca pensei muito em religião e estava bem. Até que os noticiários começaram a mostrar milhares de reportagens com católicos e muçulmanos. Sentí-me na obrigação de me informar. Encontrei em casa "O Livro das Religiões" e me animei. Quem sabe não encontraria uma para mim? Pulei a católica porque essa história de pecado original é bebuzinho e o fim. O budismo também não colou. "Tudo o que existe no mundo é sem autonomia. Transitório e, em consequência, pleno de sofrimento". Fez lembrar fila de banco.

Islamismo? O fato de a punição para ladrões ser a

amputação da mão direita tem o seu apelo. Mas não poder servir ou beber álcool?

Licença para um parêntese: as leis do islamismo permitem o divórcio, desde que iniciado pelo marido, que é o responsável pelas finanças no casamento. Para Maomé, o divórcio é "a atividade legal menos preferida por Deus". Apesar desses empecilhos, "o índice de divórcios nos países árabes é o mais alto do mundo". Interessante.

E por falar em casamento, um antepassado meu, Henrique VIII, iniciou uma religião por ele dar o divórcio. Apesar dos laços de sangue, o anglicismo não me cativou. Ela é uma das muitas religiões que se desenvolveram a partir da Reforma protestante, o que sempre ajuda a confundir.

Quando tudo o esforço de me converter pareceu em vão, avistei o capítulo "Filosofias de vida não religiosas" e encontrei o materialismo filosófico, segundo o qual todos os fenômenos do mundo podem ser atribuídos a condições físicas. Vinha a calhar com outro livro que estava lendo, "O relógio cego", de um biólogo que confronta a teoria da evolução com o designio divino. Então tudo me deu uma canseira doída, porque já estou na página 135 e até agora só aprendi sobre morcegos e vagalumes. O texto foi escrito para o público americano.

la desistindo quando me deparei com o materialismo ético, que é "uma atitude perante a vida que dá importância aos benefícios materiais e ao prazer físico". Adorei: uma crença a favor de dinheiro e sexo, duas coisas de que ouço falar muito.

Era uma materialista ética de carteirinha quando fui jantar na quarta-feira com o queijólogo Gérard Poulard. Depois de meia hora de queijos franceses, minha fé mudou. O messias é Gérard Poulard, minha religião são os munssters au marc, os tróos, os livarots au calvados, os reblochons, os quejoforts. Quanto mais queijo de podridão, quanto mais cascas amareladas ou interiores esverdeados, melhor. Beber para acompanhar e comer sem culpa são os dois mandamentos.

Sou uma queijicista. Convida e dez quilos acima do peso.



MARIA MÜLLER: matriarca que passou a lua-de-mel dentro de um carro de boi gostaria de conhecer um de seus ídolos, o poeta Manoel de Barros

# A força da professora do Brasil

MEC homenageia poetisa de 103 anos, cunhada de Filinto Müller

Jorge Bastos Moreno  
CUIABÁ

Para os mato-grossenses, ela é a eterna primeira-dama do estado.

Para os brasileiros, e mais ainda professora, Maria de Arruda Müller, de 103 anos, é a principal referência histórica de Mato Grosso, onde construiu uma vasta obra social, durante o tempo em que seu marido, Júlio Müller, foi interventor. Professora, encerrou a carreira de forma triunfal alfabetizando, aos 98 anos de idade, uma mulher de 87 anos. Poetisa, frequentou a Academia Mato-Grossense de Letras até os 100 anos de idade. Nome de pontes, hospitais, colégios, ruas e praças, a maior matriarca viva do país será homenageada pelo Ministério da Educação, no Dia do Professor, na edição especial do "Jornal do MEC", que circulará nas mais de 200 mil escolas brasileiras. O presidente Fernando Henrique Cardoso e o ministro Paulo Renato Sousa deverão, ainda este ano, homenagear dona Maria, com o título de "A professora do Brasil".

A fragilidade física, que a obriga a viver hoje numa cadeira de rodas, não lhe tira a pose matriarcal. A amabilidade torna impossível a impasibilidade profissional de uma entrevista. Sua curiosidade tenta inverter os papéis: ela quer entrevistar o entrevistado, como se pudesse aprender o que ela própria ensina: atravessar lúcida e alegre três séculos de existência.

"Morreu? Para que responder? A vida é quem deve saber."

É a parte de um poema que

está entre seus papéis, no casarão da família, local que já recebeu Getúlio Vargas, Eurico Dutra e onde nasceram os principais personagens de uma das maiores oligarquias do país, os Müller.

A história de Mato Grosso se confunde com a trajetória de dona Maria. Suas obras sociais resgatam a dignidade dos Müller, que a história condenou.

— Tive toda uma vida voltada para o social. Ela resistiu a falar do marido e do cunhado, Filinto Müller, que foi chefe de polícia no Estado Novo.

— Sobre Filinto, tenho meu ponto de vista. Gostem ou não.

Assim, a frágil senhora dá lugar à austera matriarca:

— O senhor, como jornalista, deve conhecer a história do Brasil. E seguramente tem sua opinião sobre o Filinto. E sobre o meu marido, o que dizer? Vou dizer tantas coisas boas que vão achar que estarei mentindo.

"Filinto Müller era um homem extraordinário"

A professora acaba não resistindo aos apelos para dar a sua visão da história:

— A história foi muito injusta com Filinto. Muita coisa do que se diz dele não é verdade. Era um homem extraordinário. Sábua que ele namorou minha irmã Ecília? Quase se casaram. A revolução atrapalhou. Desde a Coluna Prestes, as coisas mudaram para ele. Mas um homem que levou todas as crianças pobres de Mato Grosso para estudar no Rio pode ser essa pessoa que tentam dizer que ele foi?

— Mas na tese de mestrado sobre favores na política, Lu-

ciana Quillet Heymann, coordenadora do setor de Documentação (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas, catalogou Filinto como um dos que mais usavam essa prática, tanto que era chamado "o embaixador de Mato Grosso no Rio de Janeiro". Do marido, Julio Müller, dona Maria recorda:

— Foi um grande homem e chefe político. Tentaram estragar o que ele tem de mais belo, que é o moral. No dia da sua morte, ele beijou minha mão e disse: "Sou o seu amor", e eu respondi: "Eu sou o seu amor e você é o meu amor".

A fórmula de tanta vitalidade? Costela de boi gorda assada, carne de porco frita, muito peixe e fruta. Cerveja de vez em quando e uma taça de vinho pelo menos uma vez ao dia. Os exercícios, quando os fazia, eram braçadas de rio.

— Não há nada melhor do que um belo banho de rio.

Filha de usineiros, Maria Müller passou a lua-de-mel dentro de um carro de boi, que a levou com o marido para um colégio em Poconé, já no Pantanal. A primeira morada do casal foi uma sala de aula, até encontrarem uma casa definitiva.

Aos 16 anos, dona Maria criou com um grupo de amigas a revista "Violeta", folhetim que sobreviveu mais de 40 anos. A poetisa de Mato Grosso não conseguiu conhecer pessoalmente o ídolo Carlos Drummond de Andrade. E ainda não conhece seu conterrâneo Manoel de Barros, só as suas poesias. Ela quase não saiu de Mato Grosso.

Naquela época, a viagem para o Rio era uma aventura: pagava-se um barco para Corumbá, depois Porto Murtinho

para entrar em Assunção (Paraguai), Montevideo, Buenos Aires e voltar pela costa até o Rio. Conhecer a cidade foi seu presente de 15 anos.

Em um caderno de orações, ela registra nomes de parentes, amigos e ídolos que já morreram. Entre outros, estão Isé Getúlio Vargas, Eurico Dutra, Hélder Câmara, Frei Danião, John Kennedy, Ayrton Senna, Grande Otelo e Garincha.

"Não gosto mais de política. Prefiro minhas poesias"

Dona Maria tem dificuldade para ver TV. Adora telejornais, mas só consegue entender o apresentador Boris Casoy. O próprio apresentador explica a preferência que exerce no público da terceira idade:

— Como eles têm deficiência de audição, acabam lendo os meus lábios. Sempre fui consciente disso, dado o número de cartas que recebo.

Maria Müller é antenada. Acompanha tudo o que se passa no mundo. Quando não sabe, anota e depois pergunta para filhas, netos, bisnetos ou trinetos. Sua última curiosidade foi quer saber tudo sobre o genoma humano. Ela acompanhou com interesse a briga entre Antônio Carlos Magalhães e Jader Barbalho.

— Não gosto mais de política. Prefiro minhas poesias.

Com a sabedoria da idade, conversou com O GLOBO muito antes da barbárie americana, mas já a preconizava:

— A pior coisa do mundo é a guerra. Ela é uma ameaça permanente. A violência é o terror envergonhado o homem. Mas, se ele foi a Lua, sua capacidade de resolver os conflitos e buscar a paz também é ilimitada — diz a professora. ■

VISUAL DJ • Continuação da página 1

# A importância de cultivar um estilo

Eles não ligam muito para roupa mas sabem de cor as as grifes preferidas

"Moda é a roupa que eu uso." A frase do carioca Gustavo Garcia, 25 anos, o Tatá, um dos melhores DJs de house do Rio, mostra o quanto conforto e descompromisso pautam a vida dessa gente musical.

Tatá, que toca no Melt e na Bunker, gosta de calças de microfibra e jeans, mas não tem loja preferida.

— Passo, olho, gosto e compro. Tenho de tudo: desde roupas da C&A até Helmut Lang. Integrante do BUM (Brazilian Underground Movement), um time de DJs e produtores de música eletrônica da Baixada Fluminense, Jonas Rocha, o DJ Jonas, também prioriza o conforto. Carioca da Urea, ele se

— Gosto do básico: muito algodão, roupa preta e microfibra. Odeio estampas — diz

Jonas, que detesta acessórios. Só abre exceção para os óculos escuros Armani e o inesquecível relógio da marca Spon.

Para Gustavo Braflman, de 29 anos, o DJ Gustavo MM, o importante é ter estilo.

**Mudar de estilo, nem por amor**

O de Gustavo é basicamente de roupas neutras. Usa três calças: uma jeans, outra cáqui e outra quase cinza.

— Também uso muita camiseta Hering. Meu xodó é a bermuda da foto, da marca americana Freshjive: comprida e com bolso-faca do lado.

Gustavo gosta das roupas de Cavallari, Comptons B e Vision. O sapato é do tipo gólfie e o tênis, All Star. A namorada, Dedé, consultora de estilo de

uma loja carioca, curte o jeito de vestir de Gustavo.

— Dedé adora as minhas roupas, mas se não gostasse eu não mudaria. Nem por amor — diz Gustavo.

Maurício Lopes, o careca, um dos melhores DJs de techno do Rio, divulga o seu estilo todos os sábados no Bunker. Catarinense, 32 anos, acha a moda um pouco tirânica.

— Sou muito básico. Adoro calça, bermuda, camiseta e no dia-a-dia uso sandália havaiana branca.

Marcelinho Dalua, DJ de drum'n'bass e hip hop que toca nas festas Febre (nos Les Artistes) e Loud! (no Cine Iris) só compra roupas que durem e sejam amaciadas.

— Gosto de roupa velha, usada e sou meio Roberto Carlos, também adoro azul — con-

ta Marcelinho, que só usa tênis de couro branco e perfume Roger Gallet fragrance limão.

— No item acessórios, só a tatuagem no antebraço: um mangão rubro-negro numa drágula de fogo.

Diretamente de Nova York, Fernando Plastino Pachou, o Pachou, DJ de hip hop que costuma tocar na festa Zoelra, no Lapa, acha que moda é cultura e não juntas para criar. Na música, ele é influenciado pelos "turntlists" — DJs que transformam os tocadiscos em instrumentos. Na moda, gosta de perfume Polo, camisetas americanas Mecca e Rocawear e as brasileiras Pão e Recap, ambas de São Paulo. ■

Coordenação: Patrícia Veiga. Produção: Rogério S. Assistente: Athria Gomes.

## Onde comprar

- ENDEREÇOS: Páginas 4 e 5: Antonio Bernardo — Rua Garcia D'Ávila 121 • Cartier — Rua Garcia D'Ávila 129 • Casa Alberto — Rua Visconde de Pirajá 302 • Empório Ochiaili — Rio Sul 2° piso • Época Cosméticos — Rua Visconde de Pirajá 86 loja 4 • Espaço Lundgren — Fashion Mall 2° piso • Forum — Fashion Mall 2° piso • Lojas Americanas — Rua Visconde de Pirajá 526 • Lunetterie — Rua Visconde de Pirajá 550, sobreloja • Opti Glass — Rio Sul 3° piso • Sack's — BarraShopping, nível Lagoa • Shampoo & Cia — Rua Visconde de Pirajá 581 • Universo — BarraShopping, nível Americas.

## O GLOBO

EDITORA: Mara Caballero (maracab@oglobo.com.br)  
EDITORA ASSISTENTE: Ana Cristina Reis (anacris@oglobo.com.br)  
COORDENADORA DE MODA: Patrícia Veiga  
Telefone: Redação: 2534-5000  
Publicidade: 2534-5300  
E-Mail: cadernoela@oglobo.com.br

Correspondência: Rua Irineu Marinho 35 - 2º andar. CEP: 20233-900

